

Programa de Assessoria à Pastoral (Pp)

Interpretação Bíblica na Igreja Oriental Antiga

Duncan Alexander Reily

MOSAICOS DA BÍBLIA

Apresentação

A igreja cristã nunca, mesmo nos seus inícios, esteve sem a sua Bíblia. As Escrituras do judaísmo, a Bíblia de Jesus e dos apóstolos, foram adotadas por ela com toda a naturalidade.

Os primeiros escritos cristãos, que pelos meados do segundo século ganharam o *status* de um Novo Testamento, exibem evidência tanto de continuidade quanto de descontinuidade com o Antigo Testamento. Estes escritos indicam que, apesar dos cristãos terem recebido as Escrituras judaicas, eles atribuíam igual ou até maior autoridade às palavras de Jesus que ao texto do Antigo Testamento.

Mas, na luta contra o gnosticismo do segundo século, a igreja foi forçada a responder em que consistia a “Escritura” para ela. Seria o Antigo Testamento “cristianizado”? Toda a Escritura judaica teria que ser descartada como os gnósticos queriam? Ou deveria ser a junção do Antigo e do Novo Testamento?

Este número do **Mosaicos da Bíblia** trata da resposta da igreja a esta questão, a qual foi na direção de uma junção entre o Antigo e o Novo Testamento, bem como da sua interpretação em duas de suas mais importantes escolas.

José Adriano Filho

Mosaicos da Bíblia reúne textos do campo bíblico que circulam entre colaboradores e participantes da produção de conhecimento do Programa de Assessoria à Pastoral.

Todos os textos poderão ser reproduzidos ou utilizados em outras publicações, desde que sejam creditados: o (a) autor (a), o Programa de Assessoria à Pastoral e o CEDI.

Aquisição de números anteriores e assinatura, escreva ao Setor de Distribuição do CEDI.

Edição e Revisão:	Milton Schwantes Jane Falconi F. Vaz José Adriano Filho
Digitação:	Jane Falconi F. Vaz José Adriano Filho
Editoração Eletrônica:	Maria Cristina Ricardo

São Paulo, junho de 1993.

CEDI - Centro Ecumênico de Documentação e Informação

Av. Higienópolis, 983 - 01238-001 São Paulo SP - Brasil

Fone: (011) 825-5544 - Fax: (011) 825-7861

Rua Santo Amaro, 129 - 22211-230 Rio de Janeiro RJ - Brasil

Fone: (021) 224-6713 - Fax: (021) 221-3016

INTERPRETAÇÃO BÍBLICA NA IGREJA ORIENTAL ANTIGA

Duncan A. Reily

Pretendo dividir as minhas considerações sobre a Interpretação Bíblica na Igreja Oriental Antiga nos seguintes tópicos principais:

1. Como era encarada a Bíblia Cristã na Igreja Oriental, particularmente, a partir de mais ou menos 200 d.C.?

Quero argumentar que havia suficiente concordância a respeito da sua procedência, conteúdo e significado a ponto de podermos detectar uma série de teses que serviam de parâmetro dentro dos quais os intérpretes da Bíblia deviam trabalhar. Aqueles que, por qualquer razão, significativamente excediam a esses limites seriam condenados como hereges.

2. Na segunda parte, quero me valer particularmente, de *De Principiis* de Orígenes, frequentemente considerada a primeira teologia sistemática a ser escrita. No quarto livro da obra em apreço, Orígenes discute a inspiração da Bíblia e a interpretação da mesma, explicando detalhadamente as razões de sua opção pelo método alegórico, e mostrando as falhas que ele percebe numa abordagem literal.

3. Na terceira e última parte, examinaremos um pouco da história das pressuposições e da metodologia de alguns dos maiores expoentes da Escola de Antioquia. Aqui também consideraremos o pensamento de alguns condenados como hereges, pois a heresia frequentemente não passa de exagero e desequilíbrio de posicionamentos perfeitamente ortodoxos. Cremos que a doutrina dos hereges fornece pistas para entender as preocupações da Escola como um todo. Para maior clareza, vamos comparar no momento final a interpretação de Antioquia com a de Alexandria dando uma pequena amostra da obra de interpretação bíblica por representantes das duas Escolas.

I. A Bíblia da Igreja Oriental e os parâmetros da sua interpretação

Jaroslav Pelikan, num livro muito interessante, *Jesus through the Centuries*, apresenta Jesus sob uma série de imagens, a primeira sendo "O Rabino", ou seja, "Jesus como mestre e profeta no *setting* do judaísmo do primeiro século" (New York, Harper and Row, 1985, p.9-20). Nós poderíamos parafrasear Pelikan, falando do *Jewishness* da Igreja Judaica no primeiro século. As Escrituras do judaísmo, a única Bíblia de Jesus e dos apóstolos, foram adotadas com toda a naturalidade pela Igreja, a qual mantinha tanta semelhança com o judaísmo tradicional que era tida pelos conterrâneos como uma scita dele. De modo que, a nossa primeira observação poderia ser que a Igreja nunca, mesmo nos primórdios, esteve sem a sua Bíblia. No entanto, não seria de todo correto (para agora usar terminologia tradicional dos nossos tempos) dizer que a Bíblia dos cristãos do primeiro século fosse idêntica ao Antigo Testamento dos judeus. Os cristãos haviam transformado o livro sagrado dos judeus em livro cristão! As evidências para isso são muito abundantes, quer dentro, quer fora dos livros canônicos do nosso Novo Testamento. Detectamos

isso já nos escritos de Paulo, os livros mais antigos do Novo Testamento, onde também descobrimos que o processo muito antecede ao do apóstolo o qual havia recebido a cristianização do Antigo Testamento como a tradição da Igreja! Na mais antiga narrativa que possuímos da ressurreição, Paulo declara: “...vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras...” (I Coríntios 15,3-4). No Evangelho de Mateus, frases como “*tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que falou o profeta...*” se repetem com frequência. Um pouco antes do término do primeiro século, Clemente, bispo de Roma, cuidadosamente reserva para textos do Antigo Testamento o vocábulo “*escritura*” ou a frase “*está escrito*”. Ele porém, não teve dúvidas em declarar que o pré-existente Filho de Deus falava no Antigo Testamento pelos profetas: Cristo “*pelo Espírito Santo nos convida...*” e cita o texto de Salmos 34,11-19 e 32,10 (Clemente Romano, capítulo 22).

Há fortes indícios de que, na prática, cristãos atribuíam igual ou até maior autoridade às palavras de Jesus do que ao texto do Antigo Testamento, antes mesmo de alguém ousar denominar uma palavra de Jesus como “*Escritura*”. Além das passagens muito significativas no Novo Testamento onde Jesus é apresentado como maior do que Moisés ou João Batista “*Ouvistes que foi dito...*” “*Eu, porém, vos digo...*” (Mateus 5,27-28; 31-32; 33-34; 38-39; 43-44; 11,11; 12,41-42), há evidências, em diversos níveis, de como às palavras e à linguagem de Jesus se tributavam grande autoridade.

Paulo lembra as palavras de Jesus na sua exortação a “socorrer os necessitados”: “*Mais bem aventurado é dar que receber*” (Atos 20,35). *Abba* (pai), um vocábulo que Jesus empregava nas orações, era parte da memória apostólica (Marcos 14,36; Romanos 8,15; Gálatas 4,6). Seu termo “*embaraçar*” em Marcos 10,14, é repetido em Atos 8,36 (provavelmente refletindo a crença da Igreja de que Jesus favorecia o batismo de crianças). Talvez mais revelador ainda é o ingênuo testemunho do Didaquê, o qual apelida os judeus em geral de “*hipócritas*”, por causa do uso do mesmo termo por Jesus, embora com sentido bem mais restrito! Os cristãos provavam que não eram judeus, pois estes (os “*hipócritas*”) jejuavam na segunda e na quinta feira; os cristãos deviam jejuar na quarta e na sexta feira (Didaquê, capítulo 8).

A citação do Didaquê é parte da evidência de que no fim do primeiro e começo do segundo séculos, crescia a auto-consciência da Igreja como uma entidade distinta do judaísmo. Entrementes, a Igreja produzia sua própria literatura, a qual exibe evidência tanto de continuidade quanto de descontinuidade com o Antigo Testamento. A relutância tão evidente nos Pais Apostólicos de denominar qualquer citação do Novo Testamento como “*escritura*” foi superada na primeira metade do segundo século, quando escritos cristãos aos poucos ganhavam o *status* de um Novo Testamento.

Marcião e os Gnósticos em geral forçaram a Igreja a responder à pergunta: “O que é Escritura para os Cristãos?” Será o Antigo Testamento “*cristianizado*”, ou toda a antiga escritura judaica teria que ser descartada (como os gnósticos queriam)? Ou deveria ser a junção do Antigo e do Novo Testamento? A resposta definitiva que a Igreja teria que dar ainda estava longe no auge da controvérsia gnóstica, mas, antes do ano 200 d.C., a Igreja já pendia na direção da terceira resposta.

A releitura profética da lei dentro do próprio Antigo Testamento é retomada no Novo: “*Estou farto dos holocaustos... Aprendei a fazer o bem; atendei à justiça, repreendei ao opressor; defendei o direito do órfão, pleiteai a causa das viúvas*” (Isaías 1,10-17; veja Tiago 1,27). “*Porque eu quero misericórdia e não o sacrifício, e o conhecimento de Deus mais que os holocaustos*” (Oséias 6,6; veja Mateus 9,13 e 12,7). Jeremias refere-se aos incircuncisos de ouvido e de coração (6,10; 9,26), tema retomado por Estevão (Atos 7,51). O mesmo profeta previa que Deus faria uma nova aliança com seu povo: “*Na mente lhes imprimirei as minhas leis, também no coração*”

lhas inscreverei" (31,31-33; veja Hebreus 8,8-12). A destruição do templo por Tito no ano 70 d.C. certamente contribuiria à consolidação dessa tendência.

Irineu de Lião (cerca de 135 a 202 d.C.), natural da Ásia Menor, através da sua obra *Adversus Haereses*, contribuiu enormemente para esse processo. Ele desenvolveu uma arma considerada imbatível contra os erros gnósticos, a saber, que a revelação de Cristo, ou seja, a verdade cristã, se encontra no ensino apostólico. Com isso, ele desqualificou o ensino arcano alegado pelos gnósticos e lançou a principal base para a escolha definitiva dos eventuais componentes do *Cânon* do Novo Testamento. Com sua doutrina da recapitulação, ele reforçou a posição oriental de salvação pela divinização. Finalmente, ao descobrir duas modalidades da lei no Antigo Testamento, a natural (ou moral), a qual possuía validade eterna, e a cerimonial, com vigência temporária, ele eliminou um grande obstáculo no caminho da plena aceitação do Antigo Testamento como parte da Bíblia cristã.

Voltando à releitura que os próprios judeus faziam da sua lei, devemos recordar a obra de Filão de Alexandria, o qual reinterpretara todo o Antigo Testamento por meio da alegoria. O apóstolo Paulo, orgulhoso das suas raízes judaicas, também empregou o método alegórico para encontrar valores cristãos no Antigo Testamento. Assim detectou Cristo na rocha que Moisés ferira no deserto para saciar a sede do seu povo (1 Coríntios 10,4; Números 20,11). Por processo semelhante, Paulo procurou entender a rejeição de Israel e a adoção dos gentios como o povo de Deus; a Igreja assim se transformava no verdadeiro Israel, o povo da promessa e da fé (Romanos, capítulos 10 e 11). A Epístola de Barnabé (cerca de 130 d.C.), veria nos 318 homens circuncidados por Abraão num só dia, Cristo crucificado por causa dos pecados da humanidade. Chegou a esse resultado tão surpreendente pela utilização dos valores numéricos das letras gregas *iota* (10), *eta* (8) e *tau* maiúsculo (300). *Tau* maiúsculo parece uma cruz e o *iota* e *eta*, naturalmente, são as primeiras letras do nome *Iesus*. "*Ergo*, o sentido real, embora escondido, da circuncisão é que Jesus morreu na cruz para a nossa salvação, efetivando o que a lei da circuncisão pretendia realizar, mas não conseguiu" (Epístola de Barnabé, capítulo 9).¹

Passemos a resumir agora os parâmetros dentro dos quais os intérpretes de Antioquia e Alexandria teriam que trabalhar na sua obra de interpretação bíblica:

1. Existe apenas uma Bíblia cristã, consistindo do Antigo Testamento e do Novo Testamento.
2. O Antigo Testamento era, para todos os fins práticos, os LXX.
3. Toda essa Bíblia era a Palavra de Deus, ou seja, inspirada. Isso não chegava a significar que cada palavra da Bíblia necessariamente possuía o mesmo peso ou autoridade.
4. Sendo inspirada, a Bíblia possuía um conteúdo que merecia um estudo metódico a fim de que toda a sua riqueza, aparente ou não, fosse recuperada e aproveitada pela Igreja.
5. A Igreja Oriental já adotara a noção da divinização, pela qual o alvo cristão (a imortalidade) é atingido pelos sacramentos e culto, já presentes no Evangelho de João (6,47-58; 3,5) e enfatizado na Epístola de Inácio de Antioquia aos Efésios (capítulos 18 e 20). Justino Mártir refere-se ao batismo: "...*ser lavado na fonte mencionada por Isaias para a remissão de pecados* (1,16-18; 4,4), e depois viver sem pecado" (Diálogo com Trifão, 44) e ainda

¹ No capítulo 13 de Policarpo (cerca de 155-156 d.C.), os judeus se mostraram zelosos em coletar gravetos para a fogueira, apesar de ocorrer o martírio "num grande sábado", dia em que qualquer trabalho era proibido. J. B. Lightfoot diz que a Epístola de Barnabé foi escrita por um "inflexível antagonista do judaísmo... que acusa os judeus de interpretar mal as Escrituras, do começo ao fim" (*The Apostolic Fathers*, Grand Rapids, Mich., Baker, 1962, p. 133). A auto-consciência do cristianismo em oposição ao judaísmo atinge seu auge em Marcião, o qual advogava um rompimento total com este, a ponto de repudiar o Antigo Testamento.

“lavado para a remissão de pecados e para a regeneração” (Apologia I,66; veja Tito 3,5). É Irineu, quem afirma: “Somos ensinados a crer que o batismo é o selo da vida eterna e regeneração para Deus, para que não sejamos criaturas mortais mas filhos do eterno e imutável Deus” (Demonstração da Pregação Apostólica, parágrafo 3) e fala do pão da Eucaristia assim: “...quando nossos corpos recebem a eucaristia não são mais corruptíveis, mas possuem a esperança da ressurreição para a vida eterna” (*Adversus Haereses*, IV.18.5), desenvolvendo o conceito. É preciso ter presente que a divinização exige tanto a divindade quanto a humanidade de Jesus, pois a idéia subjacente é que DEUS se fez HOMEM para que o homem se tornasse divino.

6. As tendências de Antioquia e de Alexandria já são detectáveis bem antes da criação das respectivas escolas. A preocupação com a humanidade de Jesus por causa das implicações éticas se constata pelo menos desde Inácio, no começo do segundo século (o qual havia notado, em Esmirneus 6, que os docetistas também não se preocupavam com os pobres e desprotegidos e, por descrever que o pão eucarístico fosse a carne de Cristo, se abstinham da mesa, com consequências funestas (veja número 5 acima). Alexandria, pelo menos desde Filão, valorizava sobremaneira a filosofia platônica e empregava o método alegórico, seguido pelo autor da Epístola aos Hebreus e de Barnabé. Não é possível provar que essas Epístolas são produtos de Alexandria, mas das referências mais antigas duas são de Clemente e Orígenes, e estudiosos como J.B. Lightfoot² presumem autoria alexandrina.

II. Orígenes e a Bíblia

Orígenes (cerca de 185-254 d.C.) é merecidamente célebre por sua produção bíblica, obra teológica, a grande influência nos debates trinitários e cristológicos e sua ascese. No presente momento, nos interessam especialmente suas obras bíblicas; as quais mencionaremos sob três categorias:

1. A Hexapla, obra de vinte anos, foi completada quando Orígenes se encontrava exilado em Cesaréia. Altaner e Stuiber afirmam que a Hexapla visava “recuperar o texto exato dos LXX, considerado, então, literalmente inspirado” (Patrologia, SP, Paulinas, p. 206). Ela consistia do Antigo Testamento na íntegra, em 6 colunas paralelas, a saber:

- a) O Antigo Testamento em hebraico, em caracteres hebraicos
- b) O Antigo Testamento em hebraico, em caracteres gregos
- c) A versão grega, de Áquila
- d) A versão grega, de Símaco
- e) A versão grega, dos LXX
- f) A versão grega, de Teodocião

No texto dos LXX, Orígenes assinala com óbelo (+), todas as palavras e passagens não encontradas no hebraico, e com asterisco (*) todas as palavras e passagens encontradas no

2 Lightfoot, *op. cit.*, p.133, presume que a Epístola de Barnabé foi escrita em Alexandria. E. Dinkler, “*Letter to the Hebrews*”, in *The Interpreter's Dictionary of the Bible*, NY, Abingdon, 1962, II, 572, afirma que “a testemunha mais antiga” (da Epístola aos Hebreus) é Clemente de Alexandria, e cita Eusébio, *HE*, VI 14,4. O mesmo autor indica Orígenes como outra testemunha antiga.

hebraico e não nos LXX. Ele preencheu todas essas lacunas, geralmente da versão de Teodocião. O resultado foi, é claro, um texto dos LXX muito melhorado.

2. Comentários, na forma de:

- a) Escólios, ou seja, breves comentários sobre palavras ou passagens difíceis, hoje existentes apenas na Philocalia e em Catanae.
- b) Homilias, sobre grande parte da Bíblia.
- c) Comentários, propriamente ditos, só parcialmente preservados, como os oito livros (dos 25 originais) de Comentários sobre Mateus, quatro sobre o Cântico dos Cânticos, e uma recuperação dos seus Comentários sobre Romanos.

3. *De Principiis*. Orígenes dedicou o quarto livro da sua teologia sistemática à Bíblia e sua interpretação. O que segue é um resumo dos seus pontos salientes.³

Orígenes, consoante os parâmetros mencionados acima, trata a Bíblia como um todo. Ele deixa claro que conhece e discorda da posição gnóstica, que colocava o Antigo Testamento em segundo plano, quando não o descartava totalmente. Ele argumenta a favor da verdade do Antigo Testamento, pela larga influência da legislação mosaica e da expansão do cristianismo, segundo a promessa de Jesus, e a despeito das perseguições (parágrafo 2).

Podemos, na verdade, resumir sua argumentação em favor da divina inspiração sob a rubrica “o argumento da profecia”. Orígenes vê cumprimento das profecias do Antigo Testamento no advento de Cristo, o que tornou evidente a “divindade” (ou seja, a inspiração divina) do Antigo Testamento também. Ele não menciona nominalmente os gnósticos a essa altura, mas é possível que os tenha em mira (veja abaixo). Ele também dá indícios aqui da sua teoria de interpretação bíblica ao dizer: “*Também a luz contida na lei de Moisés, mas que esteve escondida por um véu, brilhou com o advento de Jesus, o véu tendo sido removido, e aquelas bênçãos, a sombra das quais era contida na letra, vieram gradativamente ao conhecimento dos homens*” (Parágrafo 6). Por demonstrar o cumprimento tanto das profecias a respeito de Jesus quanto das suas palavras, Orígenes entende ter provado também a divindade de Jesus (parágrafo 6). Ele ainda afirma que, tanto a divina providência quanto a divindade de Cristo tinham permanecido um tanto escondidas, mas, para quem tem a capacidade de ir além dos “rudimentos” (veja Gálatas 4,9) em busca da perfeição, ambas ficarão conhecidas (parágrafo 7).

Do parágrafo 8 ao 27, Orígenes trata principalmente da sua metodologia de interpretação das Escrituras, que, como vimos, considera divinamente inspiradas. Nos últimos capítulos, do 28 ao 37, ele recapitula a sua teologia em geral.

Orígenes procura mostrar como diversas classes de leitores da Bíblia, que têm em comum o sentido literal da mesma, perdem a sua verdade e, conseqüentemente, as bênçãos que deveriam derivar da leitura. Os judeus, por exemplo, liam profecias como a de Isaías 11,6-7 e, por causa disso, esperavam ver, quando do advento do Messias, a convivência pacífica do lobo e do cordeiro, do leopardo e do cabrito. Não tendo visto estas coisas durante a vida terrestre de Jesus, eles consideraram-no um falso Messias e o mataram (parágrafo 8). Orígenes refere a “seitas heréticas” (presumivelmente os gnósticos e, talvez especificamente, os seguidores de Marcião) que atribuíam a inspiração das Escrituras judaicas a uma divindade inferior, o Demiurgo, assim caindo em toda a espécie de erro. Finalmente, há multidões de pessoas simples na Igreja que “lêm a

3 Curiosamente, o Livro IV contém um único capítulo, subdividido em parágrafos. Assim indicamos apenas os parágrafos, pois todos se referem ao capítulo 1.

Escritura literalmente”, assim (diz Orígenes) atribuindo a Deus “*tais coisas que não seriam acreditadas das pessoas mais selvagens e injustas da raça humana*” (todas as referências são do parágrafo 8).

Orígenes nota que os comentaristas, quando confrontam passagens que não sabem explicar dizem indiscriminadamente que tratam de “tipos”. Ele concorda que há muitas na Bíblia que são difíceis de interpretar, mormente nas profecias e no Apocalipse. Para fazer uma interpretação correta, há necessidade de uma metodologia adequada. Uma vez que os erros apontados acima provêm de uma interpretação literal, e não “espiritual” (parágrafo 9), será necessário encontrar um método que leve isso em conta.

Ele encontra sua chave na própria Escritura, não surpreendentemente a Septuaginta: “*E apresenta estas coisas de maneira tríplice...*” (Provérbios 22,30-31). O texto difere grandemente de todas as tradicionais versões em português; a Bíblia de Jerusalém se aproxima um pouco mais. Orígenes vê aqui uma analogia com a antropologia grega carne, alma e espírito. Assim, uma leitura literal “carne” edifica o homem simples; uma leitura moral “alma”, ele explica em outro lugar, onde cita o tratamento paulino de Deuteronômio 2,4 (1Coríntios 9,10-11); e, finalmente, o sentido místico ou espiritual. Ele reconhece que nem todos os textos contêm todos os 3 sentidos, pois lia em João 2,6 que as 6 talhas (representando, diz ele, o número perfeito, os 6 dias da criação) comportavam 2 ou 3 almudes, ou seja, 2 ou 3 sentidos (parágrafo 12). Frequentemente, um versículo não admitirá, de forma alguma, uma interpretação literal.

Ele afirma que a intenção do Espírito Santo na inspiração da Bíblia foi a de comunicar “*mistérios inesfáveis a respeito dos afazeres humanos... afirm de que, aquele que é capaz de instrução pode, por investigação, dedicar-se ao estudo das profundidades de sentido contidas nas palavras e se tornar participante de todas as doutrinas do seu conselho*” (parágrafo 14).

Ele ainda acredita que o Espírito previu que, a não ser que houvesse certos problemas ou dificuldades de interpretação, o homem tenderia a ficar só na superfície “carne”, não alcançando as imensas riquezas escondidas debaixo dela. Daí, ele colocou escândalos, ofensas e dificuldades, como que forçando o intérprete a penetrar mais profundamente no sentido do texto. Exemplos de tudo isso não faltam. Como poderiam ocorrer três dias da criação sem existirem antes o sol, a lua, e as estrelas que identificam o dia e a noite? E quem acredita que para Jesus ver os reinos do mundo e sua glória fosse necessário que Satanás o levasse, literalmente, para um lugar alto?

Após citar muitos exemplos semelhantes, Orígenes conclui que qualquer leitor atento vai notar na Escritura “*muitas circunstâncias que não ocorreram*” (parágrafo 16). Então cita uma série de fatos que considera impossibilidades e absurdos da lei judaica, e conclui o parágrafo com um comentário que mostrava os próprios rabinos percebendo as dificuldades. “*O não carregar fardos no sábado é uma impossibilidade. Daí os mestres... [dizem] que uma sandália com pregos é um fardo, mas não uma sem pregos*” (parágrafo 17).

Mas Orígenes não perdoa nem o próprio Jesus. Cristo falou: “*Se alguém te bater na face direita...*” (Mateus 5,39). Mas, objeta Orígenes, qualquer pessoa normal bate com a destra, a face esquerda de uma outra pessoa. Disse ainda: “*Se teu olho direito te escandalizar...*” (Mateus 5,29), por que arrancar o olho direito e não o esquerdo, pois este certamente teria visto a mesma coisa? Ele não citou aqui, mas pode ter voltado à sua memória, como na sua mocidade ele havia aplicado literalmente Mateus 19,12, emasculando-se. Diga-se de passagem, o fato mencionado pode ter sido preponderante na sua escolha de metodologia de interpretação bíblica!

Concluindo, devemos notar que Orígenes compreendia que a maioria das passagens bíblicas se prestavam a uma interpretação literal. Mas, uma vez que não podemos saber, de relance, quais são elas, devemos obedecer a ordem de Cristo, de “*examinar as Escrituras*” (João 5,39). E, quando necessário e conveniente, devemos comparar “*coisas espirituais com espirituais*” (1 Coríntios

2,13). Assim, conforme a capacidade e a disposição de cada um, através de estudo minucioso, os outros sentidos e valores da Bíblia passarão a ser desvendados.

III. A Escola de Antioquia em confronto com a de Alexandria

Como organização formal, a Escola de Antioquia teve sua origem com o presbítero Luciano (morreu em 312 d.C.), mas algumas tendências da Escola são detectáveis muito mais cedo. Exemplos disso abundam - como a insistência de Inácio de Antioquia na humanidade de Jesus e as implicações éticas inerentes à mesma. Também merece atenção Paulo de Samósata, bispo de Antioquia na década de 260 d.C.

1) Paulo de Samósata, para garantir o monoteísmo, enfatizava a humanidade de Jesus. Na pessoa humana de Jesus, nascida duma virgem, habitava a Sabedoria de Deus, mas não como "pessoa", senão como Razão ou Logos.

2) Nos concílios que condenaram Paulo, ficou evidente a rivalidade entre Antioquia e Alexandria e a desconfiança do uso da alegoria como método de interpretação bíblica.

Luciano, fundador da Escola de Antioquia, é reconhecido pela sua revisão da Septuaginta e dos quatro Evangelhos. Seu texto, logo aceito na Síria, Ásia Menor e Constantinopla, também seria utilizado muito mais tarde na *Poliglota Complutense*. Luciano tem fama também de grande exegeta, embora muito pouco do seu labor exegético tenha sobrevivido. Foi martirizado na última grande perseguição, em 312 d.C.

Entre seus discípulos mais conhecidos constam Ário e Eusébio de Nicomédia. Não pode ser confirmado que todo o pensamento desses dois reproduz fielmente o do seu mestre, mas presume-se que pelo menos a semente seria derivada de Luciano. Para nossos propósitos, basta um sucinto resumo das linhas de pensamento de Ário. Entendo que a grande preocupação de Ário fora preservar o *status* de Deus (Pai) como único e incriado. Partindo de certos textos bíblicos, Ário concluiu que Jesus era essencialmente homem, e, portanto, diferente de Deus; para ele, o Filho não existia desde a eternidade, sendo gerado por Deus (mas não "eternamente gerado" como ensinava Orígenes). Também pela Escritura, que profetizava (veja Isaías 53; Marcos 9,12) ou demonstrava a humilhação de Jesus (Filipenses 2,7-8; Hebreus 4,15), Ário concluiu que Jesus Cristo, longe de ser igual a Deus, era-lhe subordinado. É claro que a posição de Ário seria derrubada pelos alexandrinos no Concílio de Nicéia (325 d.C.).

Notemos, ainda que brevemente, dois pontos do pensamento de Metódio (morreu cerca de 311 d.C.), baseado nos fragmentos da sua obra que chegaram a nós:

1) Metódio rejeitou, em teoria, o método alegórico de Orígenes (embora, quando lhe convinha, também lançasse mão da alegoria!).

2) Ele propôs uma "teologia de fatos" contra a "teologia da retórica". Assim rejeitava certos princípios de Orígenes, tais como: a) O mundo criado no tempo. Para Metódio, o mundo existira eternamente, potencialmente, em Deus; foi apenas atualizado pelo Logos (detectam-se ecos de Aristóteles aqui). b) Metódio rejeitou a pré-existência de almas, idéia platônica. c) Ele insistiu na ressurreição do corpo, contra a ressurreição meramente espiritual.

Uma nova fase da exegese de Antioquia começa com Diodoro de Tarso, abade e mestre de teologia de um mosteiro nas cercanias de Antioquia. Ele é lembrado pela sua oposição a Apolinário e sua defesa da plena humanidade de Jesus. Seus mais conhecidos discípulos são Teodoro de Mopsuéstia e João Crisóstomo. No mosteiro e como bispo de Tarso (374-394 d.C.), ele continuou a linha histórico-gramática de Luciano. Isto é, a interpretação devia ser literal e condizente com seu significado original.

1. Diodoro empregava a terminologia corrente a todos os pensadores pós-nicenos, mas ele defendia um ponto de vista bem particular sobre Jesus. A humanidade ou “carne” de Jesus era real e havia nele também um elemento divino, o Logos. Mas, para Diodoro, muitos textos bíblicos não levavam à conclusão de que a união do divino e do humano fosse completa. Certos textos, por exemplo Lucas 2,52, só se referiam à humanidade de Jesus. Na prática, ele enfatizou muito mais a distinção do que a união dos elementos humano e divino em Cristo.

2. Por causa dessa distinção, o verdadeiro culto a Jesus Cristo só se endereçava ao Logos nele, e não à parte humana. Dizia Diodoro: “*Adoramos a púrpura por causa de quem a veste, o templo por causa de quem o habita, a forma dum servo por causa da forma de Deus*”.

3. A Virgem Maria é realmente a mãe apenas do homem Jesus; só em sentido metafórico pode ser ela considerada a Mãe de Deus (nesse e no ponto anterior, Diodoro foi seguido por Teodoreto).

Pelos pontos expostos acima, era previsível a posição que Antioquia assumiria na controvérsia Cristológica. No Concílio de Constantinopla (381 d.C.), a condenação de Apolinário por docetismo foi uma clara vitória de Antioquia. Em Éfeso (431 d.C.), porém, a condenação de Nestório e a consagração de *theotokos* representa a ascendência de Alexandria sobre Antioquia.

O que dizer de Teodoro de Mopsuéstia (cerca de 350-428 d.C.)?

1. Tratou a Escritura criticamente, chegando a rejeitar a canonicidade de alguns livros tanto do Antigo quanto do Novo Testamento.

2. Foi o primeiro exegeta a colocar os Salmos historicamente.

3. Em seu livro *Contra os Alegoristas* refutou o método alegórico de Alexandria.

4. Comparado a Alexandria, Teodoro é muito mais bíblico do que filosófico.

5. Contra Apolinário, insistiu na completa humanidade de Jesus.

6. Coerente com a linha geral de Antioquia e sua ênfase ética, ele escreveu *Contra os Defensores do Pecado Original*, naturalmente em oposição a Agostinho, seu exato contemporâneo (Por causa da necessidade lógica da liberdade de escolha a fim de tornar o comportamento humano eticamente significativo, o livre arbítrio nunca foi realmente rejeitado no Oriente).

7. A cristologia de Teodoro enfatizava a humanidade de Jesus, a distinção das duas naturezas, e sua união moral (união de vontades). Ele crê que quando Paulo escreveu, em Filipenses 2,7, “*ele tomou*”, ele falou de acordo com a realidade; mas do texto de João 1,14, onde lemos “*ele se fez*”, Teodoro diz: “*...ele fala de acordo com aparência; ele não se transformou em carne*” (convém notar que, além de ser reveladora da cristologia do exegeta, esse exemplo mostra como o mesmo valorizava certas partes da Bíblia mais do que outras).

Tentemos agora um confronto entre as características de Antioquia e Alexandria. Devemos, no entanto, lembrar que as características indicam preferências e tendências, não exclusividades.

1. A exegese de Antioquia buscava descobrir o sentido histórico e gramático dos textos, a saber, o que eles realmente diziam e qual fora a intenção original do seu escritor.

Alexandria, sem necessariamente desrespeitar o sentido literal e óbvio, buscava ainda sentidos místicos e escondidos, além da letra.

2. A exegese da Antioquia era crítica, racionalista, chegando a considerar certas partes da Bíblia mais valiosas do que outras.

A crítica como tal pouco preocupava Alexandria, pois textos que, na sua acepção literal

eram inócuos ou até nocivos, pelo método alegórico se tornavam em minas de onde se extraíam pepitas de extraordinário valor.

3. Os exegetas de Antioquia geralmente preferiam a filosofia de Aristóteles, daí partindo da matéria, do humano, para depois chegar a valores espirituais.

Os intérpretes de Alexandria eram platônicos/neoplatônicos, cujo ponto de partida eram as idéias, o mundo espiritual.

4. Apesar de um período de dominação pelos selêucidas com sua política de helenização forçada, os exegetas de Antioquia preservaram muito da cosmovisão semita (monoteísmo, trindade “econômico”, criação).

Os alexandrinos eram decididamente helenistas.

5. Em Antioquia, há uma grande preocupação com o humano, ênfase na ética e uma insistência no esforço moral humano.

Não podemos negar uma preocupação ética por parte dos alexandrinos, mas entre a ética e a teologia especulativa, sua escolha era esta última.

IV. Amostras de interpretação pelas duas escolas

Concluindo esta parte, daremos algumas amostras da interpretação pelas duas escolas. Antes, porém, devo confessar que não encontrei material da mesma categoria de dois exegetas para colocar lado a lado a fim de fazer uma comparação mais científica. Reconheço isso como uma fraqueza muito grande, mas terei que comparar Comentários de Orígenes e Homilias de Crisóstomo. Creio que apesar desse fato, muito da metodologia e das pressuposições subjacentes se tornam patentes pelo seguinte exame de alguns trechos, escolhidos principalmente (mas não exclusivamente) dos Comentários de Orígenes sobre Mateus e as Homilias de Crisóstomo sobre as mesmas passagens.

Em nossa primeira comparação, porém, vamos a *De Principiis* de Orígenes, onde ele considera o sentido de Mateus 5,8. Fica claro que Orígenes procura evitar uma contradição no texto bíblico, pois João 1,18 afirma que Deus nunca foi visto por ninguém, enquanto Jesus afirmava “*Quem vê a mim vê o Pai*” (João 14,9). Ao mesmo tempo, ele se preocupa com a questão filosófica, de como um ser humano pode enxergar o divino. Seu tratamento do texto em Mateus procura atender a essas duas questões. Ver a Deus, diz Orígenes, não significa enxergá-lo com o olho físico, senão “*conhecer com a mente*” (Livro I, Capítulo II, parágrafo 9). Ele já havia explicado anteriormente que Deus não se vê propriamente, ele conhece, que não é um ato corporal, senão intelectual ou espiritual (Livro I, Capítulo II, parágrafo 9; veja Mateus 9,27). Presumivelmente não escapou à atenção de Orígenes que João 1,18 termina dizendo: “*O Filho unigênito, que está no seio do Pai, esse o fez conhecer*”. Orígenes leria “ver = conhecer”.

Crisóstomo, na sua Homilia número XV (sobre Mateus), se preocupa com um elemento ético (não filosófico), perguntando sobre o sentido da pureza de coração. Os puros são “*aqueles que atingiram toda a virtude... ou aqueles que vivem em temperança*”. Só eles verão a Deus, como Paulo também afirmou em Hebreus 12,14. Para Crisóstomo, os puros enxergam mesmo a Deus, mas, diz ele, o evangelista “fala aqui do grau de visão de que o homem é capaz”.

Como caracterizar a exegese de Orígenes de Mateus 5,8?

1. Procura interpretar o texto em questão, à luz de outros textos (Escritura interpreta Escritura), prestando atenção às palavras neles contidas.
2. Parece ser muito influenciado nas suas conclusões por preceitos filosóficos.

3. Preocupa-se muito em remover “dificuldades” do texto sob exame e pouco com eventuais consequências dele na conduta humana.

Crisóstomo trabalha o texto para obter seu sentido literal.

1. Conclui, entre outras coisas, que “ver = enxergar”.
2. Como Orígenes, ele percebe a ligação do texto estudado com outros da Bíblia, notadamente Hebreus 12,14 onde o autor declara que só os santificados verão a Deus.
3. Sua preocupação é ética, a saber, o tipo de vivência cristã que torna possível a visão de Deus.
4. Exorta seu leitor a buscar a pureza de coração, sendo que a exortação sincera pressupõe a liberdade para responder positivamente a ela.

O trecho principal a ser examinado, será porém a narrativa da morte de João Batista (Mateus 13,53 em diante). Apesar do fato de que Crisóstomo prega e Orígenes comenta, tratam muito dos mesmos pontos (mas de maneira diversa e com conclusões bem diferentes).⁴ Para facilidade de exposição, vamos numerar os pontos, de 1 a 4.

1. *A pátria de Jesus.*

Crisóstomo examina Belém (onde nasceu) e Nazaré (onde viveu), e opta pelo último. Foi uma conclusão histórica, segundo o sentido literal do texto (parágrafo 1).

Orígenes examina a mesma questão, mas busca seu sentido “místico”, e conclui que a pátria de Jesus era a Judéia toda, pois os judeus como nação haviam rejeitado Jesus, sendo que só os gentios o haviam recebido (parágrafo 16). Aliás, uma das preocupações de Orígenes, do começo ao fim, parece ser demonstrar a rejeição pelos judeus e as consequências funestas disso.

2. *A família de Jesus.*

Crisóstomo aceita a humildade da família de Jesus, principalmente dos pais; ele comenta que muitos dos grandes da Bíblia tinham pais humildes (como Jessé, pai do rei Davi). Ele não abre a questão da virgindade perpétua de Maria, possivelmente pelo desejo de enfatizar a real humanidade de Jesus.

Orígenes, ao invés de enfatizar a humildade da família de Jesus, realça sua fama, bem como a de Tiago, lembrando que Josefo atribuiu a destruição de Jerusalém aos maus tratos dos judeus contra esse irmão de Jesus (Antiguidades 18,4). Ele oferece uma explicação dos irmãos e irmãs de Jesus, como sendo a prole de José dum casamento anterior, assim preservando a virgindade de Maria.

3. *Profeta sem honra a não ser na sua pátria.*

Crisóstomo explica que Jesus não foi impossibilitado de realizar milagres “na sua pátria” (pois o texto bíblico apenas diz que não fez “muitas maravilhas”), para não embaraçar desnecessariamente os judeus e para não aumentar sua culpa (seria pior para eles se não cressem em alguém que realizasse muitos milagres).

Orígenes julga necessária uma explicação alegórica, pois, diz ele, a declaração de Jesus não era literalmente verdadeira: nem todos os profetas foram desonrados na sua pátria (ele dá exemplos). Portanto, o texto exige um tratamento alegórico. Todos os elementos assumem

4 As citações são tiradas de Crisóstomo, Homilias sobre Mateus, número XLVIII, in *Nicene and Post-Nicene Fathers*, segunda série, X, 296-303, e de Orígenes, Comentário sobre Mateus.

um sentido “espiritual”, sendo que “pátria” = “Judéia”, “família” = “Israelitas” e “casa” = “corpo”. Os judeus e os israelitas desonraram Jesus principalmente por sua descrença.

4. A dança de Herodias.

Para Crisóstomo, a dança é uma prática que é má em si (uma prática imoral) e que leva a práticas imorais, no caso, à morte de João Batista.

Orígenes vê aqui uma longa série de sentidos espirituais, dos quais destacaremos três:

a) A dança de Herodias é a dança (movimento) dos judeus, uma dança falsa. A verdadeira dança teria sido realizada em resposta à flauta de Jesus: “*Nós vos tocamos flauta, e não dançastes*” (Mateus 11,17).

b) Homens justos não fazem festa de aniversário: o faraó o fez e acabou enforcando seu padeiro-mor (Gênesis 40,22).

c) Quando soube da morte de João Batista, Jesus se retirou. O sentido místico é que, uma vez que os judeus haviam destruído a profecia ao matar João Batista, Jesus se retira da Judéia, o local onde a profecia fora atacada e condenada, e vai aos gentios. Ele foi de barco (= no corpo) para um lugar deserto. Os gentios o seguiam, deixando suas cidades (=suas superstições). Eles não seguiram de barco (= corporalmente), mas a pé, no caso espiritualmente, de toda a alma. Jesus sai para eles que, meros humanos, não poderiam chegar a Jesus, a Imagem de Deus.

Jesus procede a curar-lhes as doenças, do corpo e da alma. Sacia a fome do povo (Mateus 17,15), mas Orígenes vê no pão oferecido a participação na Eucaristia: “*Que cada um se examine a si próprio, e assim coma do pão*”, porque, de outra forma, poderiam adoecer e até morrer (veja 1 Coríntios 11,28-30).

Uma vez que, ao longo da minha exposição, fiz diversos resumos, não tentarei uma conclusão formal, mas deixarei a amostra da obra interpretativa de Crisóstomo e Orígenes servir por si mesma para essa conclusão.

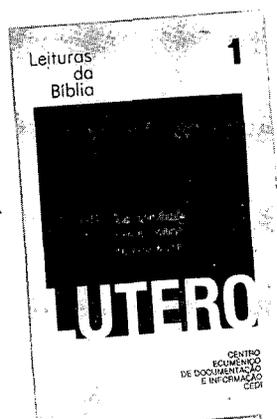
Duncan A. Reily é professor de História Eclesiástica na Faculdade de Teologia da Igreja Metodista e no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião em São Bernardo do Campo.

Endereço: Rua João Pedroso, 2122
13083 - Bairro Barão Geraldo
Campinas - SP

Primavera Bíblica

A Reforma Protestante tem na redescoberta da Bíblia um de seus eixos. Em boa medida foi um movimento de releitura das Escrituras. Um processo que fez com que a Europa do século XVI vivesse uma primavera bíblica, fenômeno que hoje vivenciamos na América Latina.

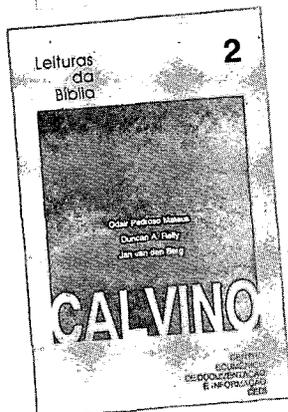
Motivado pelo impacto da Bíblia em nosso Continente, o CEDI, através do Programa de Assessoria à Pastoral passou a publicar a série **Leituras da Bíblia**. Trata-se de uma coleção, cujos textos procuram aprofundar a memória da Reforma Protestante à luz de sua releitura da Bíblia. Os três primeiros volumes abordam os principais reformadores: **Lutero**, **Calvino** e **Wesley**. O quarto volume estuda o **Método Histórico Crítico**, procedimento teórico da leitura bíblica protestante.



LUTERO

CEDI, São Paulo, 1990, 61 páginas

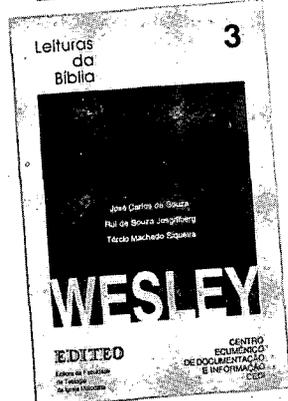
Aspectos históricos - **Paulo Wille Buss**; Possibilidades e Limites - **Hermann Wille**; Teologia e Bíblia - **Martim N. Dreher**
Preço: **CR\$ 80.000,00**



CALVINO

CEDI, S. Paulo, 1991, 56 páginas

Introdução a Calvino - **Odair Pedroso Mateus**; Calvino: aspectos históricos - **Duncan A. Reilly**; O trabalho exegético de Calvino - **Jan van den Berg**
Preço: **CR\$ 85.000,00**



WESLEY

CEDI/EDITEO, São Paulo, 1991, 48 páginas

Introdução a Wesley - **José Carlos de Souza**; Teologia e Bíblia em João Wesley - **Rui de Souza Josgrilberg**; João Wesley e a interpretação da Bíblia - **Tércio Machado Siqueira**
Preço: **CR\$ 95.000,00**



MÉTODO HISTÓRICO CRÍTICO

CEDI, São Paulo, 1992, 92 páginas

Origem do Método Histórico Crítico - **Martin Volkman**; Sobre a História do Método Histórico Crítico - **Friedrich Erich Dobberahn**; Método Histórico Crítico Hoje - **Ely Ezer Barreto César**
Preço: **CR\$ 125.000,00**

*Encaminhe seu pedido acompanhado
de cheque nominal ao CEDI, a/c do Setor de Distribuição:*

Av. Higienópolis, 983 - CEP 01238-001 - São Paulo SP
Fone: (011) 825 5544 - Fax: (011) 825 7861

Preços válidos até 30/06/93